

# Leitura e Produção Textual Acadêmica I

1º

Período

*Marcos Baltar*

*Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti*

*Diva Zandomenego*

Florianópolis - 2011

“pano de fundo” para a argumentação do autor. A identificação dessas diferenças e a avaliação da relevância das informações exigem, pois, que sejamos leitores proficientes.

Com o conteúdo veiculado nesta seção, procuramos ter o cuidado de não registrar formas cristalizadas para produção de resumos, mas tão somente apontar caminhos – a própria NBR 6028 trata da questão de modo pontual e não exaustivo. Acreditamos que há várias possibilidades para a redação de textos desse gênero, o que depende, em grande medida, da forma como você se constrói como leitor e produtor desse gênero de texto e de sua compreensão global dessa atividade na esfera acadêmica.

Nos itens que mantivemos ao longo da seção, argumentamos em favor da necessidade de várias leituras do texto a ser resumido, cada uma com uma finalidade específica. Caracterizamos, também, os tipos de resumo de acordo com as situações sociocomunicativas em que se inserem, destacando algumas particularidades formais, como citações e referências, e salvaguardando a importância de você proceder ao estudo das normas da ABNT em sua integralidade.

## 2.3 Resenha

Esta seção está estruturada para que, tendo-a estudado, você seja capaz de reconhecer a configuração acadêmica e a finalidade da **resenha**. Trata-se de um gênero textual amplamente usado na universidade, em diferentes disciplinas e em contextos diversos.

### 2.3.1 Resenha: configuração acadêmica e finalidade

Começamos nosso estudo do gênero textual/discursivo **resenha** aludindo à NBR 6028, norma da Associação Brasileira de Normas Técnicas sobre resumo, a respeito da qual já tratamos em unidades anteriores. Essa norma, dentre os tipos de resumo que prevê, registra o **resumo crítico**, concebendo-o como “Resumo redigido por especialistas com análise crítica de um documento. É também chamado de resenha” (ABNT, 2003b, p. 1).

*Resenha* é, por definição, apreciação de um texto, visando documentar criticamente seu conteúdo. A finalidade da resenha é a divulgação de textos e de obras, informando, em uma perspectiva crítica, o que tais textos e obras contêm. A resenha registra impressões pessoais do resenhista sobre o texto-fonte. Na maioria das vezes, o autor da resenha alude a outras obras publicadas pelo autor do texto-fonte ou a obras de temas congêneres, as quais constituem parâmetro em potencial para a apreciação crítica propriamente dita.

Resenhas são comuns em periódicos como revistas semanais de grande circulação nacional e jornais das mais variadas tendências. Esses periódicos normalmente veiculam resenhas de livros, filmes, peças teatrais e gêneros afins, objetivando informar o leitor sobre o conteúdo desses livros, filmes e peças, e da validade ou não de lê-los ou de assistir a eles.

Na universidade, as resenhas mantêm em parte essa finalidade e são endereçadas a um público-alvo específico. Trazem consigo uma perspectiva de criticidade que transcende, em grande medida, a dimensão opinativa das resenhas veiculadas em periódicos de cultura de massa; essas resenhas acadêmicas caracterizam-se por

qualidade técnica e aporte teórico rigoroso. Resenhar uma obra na universidade, diferentemente de fazê-lo para periódicos comerciais massivos, exige do autor da resenha efetivo amparo teórico e argumentação técnico-científica por excelência. Assim, parece correto considerar que somente podemos produzir uma resenha após a realização de leituras significativas sobre o tema, fazendo-o em textos de gêneros textuais/discursivos diversos.

Vários são os contextos interacionais, na universidade, para os quais o gênero **resenha** se presta. Revistas acadêmicas, por exemplo, costumam veicular resenhas sobre obras lançadas em diferentes campos de estudo. Muitos estudiosos e pesquisadores resenham livros de publicação internacional sobre temas de interesse universitário a fim de cientificar os leitores sobre novas vertentes teóricas, novos olhares, novas

concepções, novos textos literários. Resenhas, por sua natureza crítica, contribuem para a orientação da leitura dos interessados nas questões focalizadas e **ajudam a socializar o conhecimento, pois obras desse gênero, em geral, não são de fácil acesso.**

Uma importante finalidade da resenha, na universidade, é a atividade de pesquisa, para a qual esse gênero ganha especial relevância por facilitar a seleção de obras a serem utilizadas pelo pesquisador. Tendo resenhado obras relacionadas a seu foco de pesquisa, o estudante ou o pesquisador verá facilitado o processo de redação de seu relatório de pesquisa, desde a construção da revisão bibliográfica até a análise de dados. Você estudará o processo de pesquisa em disciplinas das próximas fases.

Consideremos que, de imediato, você não está apto(a) para publicar resenhas em periódicos universitários e também não se encontra em fase de realização de pesquisa. Importa, porém, que domine os mecanismos de produção do gênero **resenha** para que, em um futuro próximo, possa realizar as atividades anteriormente mencionadas. De todo modo, vale registrar, aqui, outra finalidade da resenha na universidade, possivelmente o contexto mais próximo de seu dia a dia na graduação: resenhas feitas como exercício crítico de leituras realizadas por você.

Esse contexto específico em que se insere a resenha é bastante comum ao longo da graduação. Professores costumam solicitar aos alunos que resenhem textos indicados, objetivando que esses mesmos alunos tomem conhecimento do conteúdo de tais textos e, ao mesmo tempo, façam um exercício de leitura crítica. Esse tipo de atividade exige do aluno não apenas a leitura atenta do texto-fonte da resenha, mas também a busca de informações adicionais sobre o autor, o tema, o enfoque argumentativo técnico-científico ou literário. Essa é a finalidade da resenha que efetivamente nos interessa discutir nesta seção porque resenhar, seguramente, é exercício bastante frequente na graduação.

### • Qualidade e preocupações do resenhista

Segundo Santos (1998), é preciso observar algumas qualidades e preocupações que devem caracterizar o resenhista e sua atividade. **O desenvolvimento da capacidade de leitura atenta parece ser a primeira dentre essas qualidades e preocupações.** Ler várias vezes o texto, com atenção redobrada a cada nova leitura, é seguramente o primeiro passo para a

realização de uma boa resenha. No que concerne a essa questão, Santos (1998, p. 157) pontua que “É comum criticar-se determinadas obras sem que antes tenham sido examinadas na sua devida profundidade”.

Outra questão fundamental é tomar conhecimento de quem é o autor, como ele se insere em seu campo de conhecimento, a que escolas de pensamento se filia (o que podemos inferir por seus escritos), como ele se coloca no contexto acadêmico etc. Acrescenta, ainda, Santos (1998, p. 157): “O maior ou menor valor de uma obra está intimamente ligado às credenciais do autor”.

É preciso, ainda, que o resenhista tenha desenvolvido a habilidade de resumir e esteja apto a depreender os pontos relevantes do conteúdo do texto a ser resenhado, a fim de evitar perder-se em detalhes. Vale lembrar que o ato de resumir implica considerar o conceito de relevância. Giora (1985 *apud* KOCH; TRAVAGLIA, 2000) entende a relevância como uma condição indispensável no estabelecimento da coerência textual. Assim,

[...] um texto é coerente quando o conjunto de enunciados que o compõe pode ser interpretado como tratando de um mesmo tópico discursivo. Um conjunto de enunciados será relevante [...] se eles [os enunciados] forem interpretáveis como predicando algo sobre um mesmo tema. Assim, a relevância não se dá linearmente entre pares de enunciados, mas entre conjuntos de enunciados e um tópico discursivo. (KOCH; TRAVAGLIA, 2000, p. 95).

Essas considerações importam nesta seção porque a autora sinaliza para o fato de que a articulação entre os enunciados que compõem um texto traz implicado o critério da relevância; ou seja, qual é a relevância específica de cada conjunto de enunciados na composição de um texto específico? O ato de resenhar exige o desenvolvimento desse olhar. Precisamos depreender na textualização aqueles enunciados, ou conjunto de enunciados, cuja relevância é periférica, isto é, contêm ilustrações, exemplos, relações complementares ao tema ou ao enredo, uma vez que esses enunciados não devem fazer parte do resumo.

A resenha é um gênero intertextual por excelência. Discutiremos com mais ênfase a intertextualidade em Koch (2004) e Beaugrande (1997) na sequência do curso, na disciplina Linguística Textual. Na resenha, esse

fator de textualidade ganha especial significado. Ao produzir uma resenha, estamos estabelecendo relações intertextuais entre o nosso texto e o texto do autor. Não é, no entanto, apenas a essa dimensão intertextual que nos compete aludir aqui; afinal, intertextualidade, nesse nível, marca tanto o resumo quanto o fichamento. Já discutimos isso em seções anteriores.

A intertextualidade que nos interessa discutir, em se tratando da resenha, implica uma dimensão mais complexa. Uma das qualidades do resenhista é o conhecimento de outras obras do autor do texto-fonte tanto quanto de escritos de outros autores que versem sobre o mesmo tema. Esse conhecimento é relevante porque, a exemplo do que registramos anteriormente, dele provêm parâmetros em potencial para uma abordagem crítica do texto-fonte, ou, se pensarmos na concepção dialógica bakhtiniana, do texto do outro. Expliquemos isso melhor: O conhecimento de outras obras do autor do texto-fonte permite que situemos o pensamento desse autor, seu posicionamento discursivo, no universo da área temática em que ele se insere, observando, por exemplo, eixos que se mantêm nas diferentes obras no trato dessa questão. Se lermos, por exemplo, diferentes textos de João Wanderley Geraldi, poderemos observar que o olhar sócio-histórico, dialógico, interacional perpassa seus escritos sobre linguagem. Já as obras de Paulo Freire, que versam sobre questões relacionadas à linguagem, trazem consigo uma preocupação com conotações de natureza socioeconômica, sociocultural e sociopolítica. Na literatura, o conhecimento de várias obras de um mesmo autor permite que o situemos em escolas literárias e vertentes específicas. Se tomarmos Machado de Assis, por exemplo, podemos observar que grandes obras suas trazem consigo um olhar realista ferino em relação à sociedade da época. O que estamos querendo “dizer” é que o fato de termos lido várias obras do autor do texto-fonte que nos cabe resenhar permite que nos apropriemos de informações sobre o pensamento desse autor, e nos possibilita dialogar com ele em uma perspectiva mais ampla. Ao produzirmos nosso texto, podemos evocar outras obras desse mesmo autor como aporte para o olhar crítico que nos cabe imprimir à resenha.



A resenha tende a se revelar mais rica quando conseguimos aludir também a obras de outros autores que versam sobre o tema do texto-fonte. Esse comportamento evidencia ampliação de nosso olhar e, em consequência, tende a conferir maior legitimidade à leitura crítica que registramos na resenha. “Dialogar” com outros autores, sob essa perspectiva, ganha especial significado se considerarmos que “[...] um discurso não vem ao mundo numa inocente solitude, mas constrói-se através de um já-dito em relação ao qual ele toma posição” (MAIN-GUENEAU, 1976 *apud* VAL, 1999, p.15).

Como podemos observar, cumpre ao resenhista ler tanto quanto possível sobre o autor e sobre o tema do texto-fonte. Quanto maior for seu conhecimento nesse sentido, mais significativos tendem a ser os recursos de que dispõe para produzir uma resenha de modo proficiente, com conhecimento de causa e apropriação crítica.

#### ✶ Estrutura básica de uma resenha

Uma resenha precisa conter um conjunto de elementos básicos que deem conta de sua função comunicativa. Tendo presente teorizações de autores nesse campo (OLIVEIRA, 2005; MACHADO; LOUSADA; ABREU-TARDELLI, 2004; SANTOS, 1998), relacionamos a seguir tais elementos, os quais não precisam seguir uma ordem linear, podendo variar de modo a atender à intencionalidade (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1983) do resenhista.

- a) *Referência bibliográfica* – É fundamental que a resenha indique, com clareza e observância das normas (NBR 6023), o texto-fonte. Essa indicação deve ser feita no início da resenha. Quando, porém, produzimos uma resenha em “texto corrido”, a indicação pode ser feita como parte do parágrafo inicial. A razão de começarmos a resenha com a indicação da fonte é permitir que o leitor, de imediato, tome conhecimento do texto resenhado em todas as suas particularidades, incluindo a edição caso não seja a primeira. Edições diferentes de uma mesma obra trazem consigo, muitas vezes, mudanças de conteúdo, motivo por que indicar a edição se torna relevante. Outras informações, também necessárias, são: nome do tradutor sempre que houver, indicação do volume (no caso de obras com

essa característica) e indicação do número de páginas. Veja um exemplo com indicação da fonte como parte do parágrafo inicial da resenha.

Leda Verdiani Tfouni, na obra *Letramento e alfabetização*, publicada pela editora paulistana Cortez, em oitava edição, datada do ano de 2006, num total de 104 páginas, aborda...



- b) *Qualificações do autor de texto-fonte* – Importa, imediatamente após a referência, o registro acerca de quem é o autor e de sua posição no meio científico, principalmente no que diz respeito ao tema abordado e à forma como o faz – o que ganha especial sentido em se tratando de textos literários. Cabe, pois, ao resenhista pesquisar tais informações. Os *sites* de busca da internet constituem um instrumento bastante prático para a obtenção de dados dessa natureza quando não os obtemos por meio de livros que refiram o autor, ou em orelhas e contracapas de obras do próprio autor. O ato de qualificar o autor traz consigo uma apreciação do resenhista porque exige depreender, no universo das informações obtidas, aquelas que o resenhista julga mais relevantes, o que envolve valoração.
- c) *Descrição de elementos metatextuais* – É preciso, antes de proceder ao tratamento do conteúdo, tratar, ainda que com brevidade, sobre elementos metatextuais, como sumário, divisão de capítulos, autoria de prefácio etc. Essa referência revela-se importante porque antecipa, para o leitor, indicadores gerais da obra. Divisões de capítulos e itens gerais do sumário sinalizam para a macroestrutura do texto entendida como a armação sustentadora do assunto. A referência à macroestrutura antecipa articulações internas entre temas e subtemas. O registro do autor do prefácio, por sua vez, contribui para a qualificação ou o credenciamento do autor do texto-fonte.
- d) *Resumo da obra e crítica por parte do resenhista* – Resumir a obra é item essencial em uma resenha. Não vamos nos deter no ato de resumir porque já tratamos dele em seção anterior desse



livro. Precisamos, aqui, ressaltar que o resumo da obra pode tanto anteceder a apreciação crítica como ser permeado por ela. Assim, cabe ao resenhista optar por veicular o resumo do texto e, em seguida, proceder à apreciação crítica, tanto quanto pode optar por distribuir, ao longo do resumo, essa mesma apreciação. Precisa ficar claro, no entanto, que ambos os itens – resumo e apreciação crítica – são constituintes da resenha.

- e) *Metodologia da autoria e estruturação da obra* – Registrar as opções e o percurso metodológico implícitos ou explícitos no texto-fonte é item de relevância singular em uma resenha, sobretudo se o texto-fonte constituir relato de pesquisa. Quando, por exemplo, resenhamos artigos de revistas científicas, **é fundamental registrarmos o percurso metodológico empreendido pelo pesquisador**. Artigos dessas revistas, na maioria das vezes, contêm relatos de pesquisa. Importa, pois, informar ao leitor de que modo tais pesquisas foram desenvolvidas a fim de que ele possa julgar, por si mesmo, a apropriação ou não das conclusões do autor do texto-fonte e das apreciações do próprio resenhista. Nos textos-fonte que não têm essa característica, este item diz respeito à estruturação da obra desde a apresentação da tese até a dos argumentos, ou, em narrativas ficcionais, o desenvolvimento do enredo, ou seja, como o autor começa, como dá sequência, como fecha o texto.
- f) *Quadro de referência do autor* – Informar teoria(s) que serve(m) de base para a argumentação do autor da obra é item importante que deve ser registrado sempre que estivermos aptos para depreender esse dado. Trata-se de um registro que requer preparo expressivo do resenhista e nem sempre, no início da graduação, o aluno consegue fazer esse registro com propriedade. De todo modo, o exercício é válido. Acontece, muitas vezes, que o texto já **explicita a vertente teórica em que se inscreve o autor**. Textos de Geraldi, a quem já aludimos algumas vezes, deixam claro, com frequência, a fundamentação no pensamento de Bakhtin, importante autor de nossa área de estudo, a que nos reportamos em seção anterior deste livro. Há textos, porém, que não explicitam a vertente em que se inscreve(m) o(s) autor(es) que

nem sempre se filia(m) a uma única vertente. Logo, este é um item importante, mas que deve ser registrado somente quando o resenhista tem elementos para o fazer com propriedade.

- g) *Conclusões do autor do texto-fonte* – Revela-se fundamental ao resenhista deixar claras as conclusões a que chegou o autor do texto-fonte. Igualmente importante é o resenhista posicionar-se criticamente em relação a essas mesmas conclusões, discutindo sua apropriação, seus pontos fortes e suas eventuais lacunas, por exemplo.
- h) *Indicações da obra* – É importante, nas resenhas, informar o leitor a que público o texto-fonte se destina: alunos e sua área de estudo, pesquisadores e suas tendências, especialistas e seus ramos da atividade etc. Essa indicação favorece o processo de leitura e contribui para que o leitor selecione de modo mais rápido o que lhe interessa ler de fato.

### 2.3.2 Apresentação da resenha ao professor

Este capítulo se justifica porque, em se tratando de nosso curso, você será convidado(a) a produzir resenhas nas diferentes disciplinas, como exercício de leitura crítica e como instrumento para apropriação de conteúdos dessas mesmas disciplinas. Assim, será requerido que você apresente resenhas a seus professores, o que deve acontecer, na maioria das vezes, por meio de ferramentas *on-line*.

Para tanto, vale registrar que a redação da resenha pode ser elaborada de dois modos distintos: você pode produzir o texto com subdivisões, marcando cada um dos itens circunstanciados na subseção anterior, ou pode redigir um “texto corrido”, anunciando, ao longo dos parágrafos, com clareza, cada um dos elementos componentes da resenha. A primeira opção corresponde a um texto com subdivisões, como o exemplo que segue.

**Título**

(Escolhe-se um título que atraia a atenção do leitor e informe o “tom” da resenha. Não precisa ser o título do texto-fonte.)

**Referências (bibliográficas)**

(Registra-se, aqui, a referência, com base na NBR 6023.)

**Qualificação (ou credenciais) do autor**

(Registra-se, aqui, quem é o autor, como se insere no meio acadêmico etc.)

**Elementos metatextuais**

(Textualizam-se, aqui, em linhas gerais divisões da obra, sumário, prefácio etc.)

**Resumo crítico da obra ( ou apenas **Resumo** e, depois, **Apreciação crítica**)**

(Escreve-se o resumo permeado da apreciação crítica, ou se separam ambos com títulos distintos.)

**Metodologia da autoria ou Estruturação da obra**

(Traça-se, aqui, o viés metodológico ou o percurso de redação do autor no texto-fonte.)

**Quadro de referência do autor**

(Referem-se, aqui, as bases teóricas do pensamento do autor.)

**Conclusões do autor do texto-fonte**

(Sintetizam-se, aqui, as conclusões do autor e a apreciação do resenhista sobre elas.)

**Indicações da obra**

(Informa-se, aqui, a quem o texto-fonte é endereçado prioritariamente.)



Uma segunda opção para a produção de resenha corresponde a um texto sem subdivisões. Tende a prevalecer esta segunda opção nas resenhas de um modo geral. Já com relação à apresentação, seu texto deve seguir a NBR 14724 (ABNT, 2005), que normaliza a produção de trabalhos acadêmicos, o que significa observar o tamanho da fonte, o espaçamento entre as linhas, o tipo de folha e outras características prescritas na norma. Insistimos em que você permaneça sempre atento(a) às atualizações das normas da ABNT.

No caso da resenha que for entregue presencialmente e no papel, parece-nos apropriada a aposição de capa, o que é dispensado na postagem no AVEA, uma vez que o próprio sistema informa ao professor os dados que devem constar na capa de um trabalho acadêmico. Logo, a capa perde a sua funcionalidade sociocomunicativa.

## 2.4 Seminário

A focalização do **seminário** como gênero da oralidade, compreendendo técnica de estudo e de pesquisa, implica a realização de um conjunto de leituras sobre um determinado tema. Na seção anterior, que trata sobre *resenha*, você certamente já pôde sentir a importância de haver antecipado leituras sobre o tema do texto proposto para ser resenhado. Nesta seção, você vai conhecer em detalhes, o processo de realização de um *seminário*.

A participação em um seminário requer preparação preliminar dos envolvidos. Preparar-se para um seminário, como aludimos nesta introdução, demanda leituras. Não basta, no entanto, realizar as leituras previstas; é necessário registrá-las a fim de poder evocar o conteúdo lido por ocasião da interação com os participantes do seminário. Para tanto, é preciso elaborar uma exposição oral que lance mão do recurso de *slides*. Para poder preparar os *slides* da apresentação concatenadamente, é importante esquematizar o texto. É imprescindível, ainda, selecionar e destacar os pontos principais, os quais servirão de ancoragem para a linha expositivo-argumentativa de sua apresentação oral. Para dar conta dessas questões, discute-se, a seguir, em que consiste um seminário, como deve ser preparado e operacionalizado, bem como a formatação de esquemas para organização dos conteúdos focalizados no seminário.